

PROFISSÃO PROFESSOR: considerações sobre a identidade docente.

Claudiane Pinto Dias de Jesus¹
Maria Alice Melo²

RESUMO

Este artigo é um recorte dos resultados provenientes de uma pesquisa realizada em um curso de mestrado em educação cujo objetivo foi compreender os elementos constituintes do processo de construção da identidade profissional dos professores que atuam nas escolas comunitárias de um município de São Luís-MA, fundamentou-se em autores que trabalham a temática formação de professores, identidade profissional e docente, são eles: Ciampa (1987), Stuart Hall (2000; 2006), PimentA (1999), Nóvoa (1992), Garcia (2009), dentre outros. Considerando a natureza deste estudo, optou-se por uma abordagem metodológica qualitativa, para a compreensão do objeto desta pesquisa, foi necessária a realização da pesquisa bibliográfica e de campo, para a coleta de dados foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, dez professoras foram entrevistadas e os dados obtidos foram tratados com base na técnica de Análise de Conteúdos (BARDIN, 2011). A partir dos resultados constatamos que a presença feminina é significativa na instituição analisada, o corpo docente é formado por pessoas da comunidade havendo similaridades entre a identidade do professor e os demais membros da comunidade, tendo em vista que os interesses são comuns, concluímos ainda que fatores como salário, valorização da categoria e condições de trabalho não são aspectos relevantes para os profissionais da escola pesquisada.

Palavras-chave: Escola Comunitária, Professor, Identidade Profissional.

INTRODUÇÃO

O presente estudo integra uma pesquisa de mestrado realizada no curso de pós-graduação em educação intitulado “Estudo dos percursos de construção da identidade profissional do professor das escolas comunitárias”. A pesquisa teve como objetivo compreender os elementos constituintes do processo de construção da identidade profissional dos professores que atuam nas escolas comunitárias de um município de São Luís-MA. Esta pesquisa situa-se no campo de estudos de formação de professores e tem como sujeitos pesquisados professores que atuam nas escolas comunitárias. Considerando a natureza deste estudo, optou-se por uma abordagem metodológica qualitativa, porém, alguns aspectos apresentam dados quantitativos. Autores que se dedicam a discorrer sobre processos identitários, identidade docente e profissional, fundamentam este estudo, são eles: Ciampa

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, claupidi111@gmail.com;

² Professora do Programa de pós Graduação em Educação e do Departamento de Educação II da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, ma.melo@terra.com.br.

(1987), Stuart Hall (2000; 2006), Pimenta (1999), Nóvoa (1992), Garcia (2009) dentre outros. Trilharam-se os caminhos da pesquisa bibliográfica e de campo, para coleta de dados foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, os dados provenientes da coleta foram tratados com base na técnica de Análise de Conteúdos (Bardin, 2009).

Estudos realizados por André (2001, 2006, 2010), Romanowski e Ens (2006), Granúzzio e Ceribelli (2010), Romanowski (2012, 2015) demonstram o crescente interesse dos pesquisadores em investigar a formação de professores essa motivação tem contribuído significativamente para a consolidação desta área enquanto campo de estudos, os temas abordados nas pesquisas são diversos. André (2010) aponta que nos anos 2000 priorizou-se a temática “identidade e profissionalização docente”, segundo a autora o foco naquele momento era o professor, suas opiniões, representações, saberes e práticas, chegando a 53% do total dos estudos sobre formação docente, em 2007 (ANDRÉ, 2010, p. 176).

Em virtude da complexidade do tema e considerando que as sociedades pós-modernas são marcadas pelo alto volume de informações, pela velocidade e pela falta de tempo dos indivíduos é necessário que haja um rápido e constante processo de adaptação do sujeito, logo, as identidades vão se “moldando” conforme os contextos, sendo assim, a cada nova realidade teremos um novo perfil ou uma nova identidade. Discorreremos sobre a identidade do professor considerando que a sua formação não alcança apenas esferas acadêmicas, como qualquer outro profissional o pessoal também é um dos fatores que contribuem para esta formação. Investigar a temática “identidade do professor” auxilia na compreensão da trama dos elementos constitutivos da profissão bem como as motivações (por vezes) pessoais que levaram um indivíduo a enveredar pelo caminho da docência. O professor deve ser lembrado não só como o profissional que é “detentor” do conhecimento, antes de qualquer coisa como bem lembrou Ada Abraham (1984), o professor é uma pessoa, um ser humano dotado de erros e acertos e está suscetível a falhas. Acredita-se que a opção pela docência ocorre a partir das experiências individuais de cada sujeito, muito embora essa escolha seja por vezes inconsciente; por essa razão entende-se que inesgotáveis são as possibilidades para a investigação da referida categoria, neste estudo, pretendemos analisar a temática em um universo carregado de significados que são as escolas comunitárias.

Desenvolver atividades dentro de uma comunidade é um verdadeiro desafio, em muitos casos o professor que ali está é porque se identifica com aquela realidade. A escola comunitária atende a grupos sociais diversos, geralmente surgem da necessidade dos grupos desfavorecidos e da ausência do Estado. As escolas comunitárias entre outras funções, também assumem a responsabilidade de cuidar das crianças das famílias menos abastadas;

ainda que seja cobrado um valor simbólico para custear as despesas deste tipo de instituição, as pessoas que “constroem” estas escolas também pensam nas necessidades alheias como suas, por serem conhecedoras das dificuldades que fazem parte do cotidiano de cada comunidade, nesse sentido Klein e Pátaro (2008) complementam "cada aluno e aluna, cada pai ou mãe, cada professor, professora, funcionário; enfim, todos os agentes que compõem o cotidiano escolar são membros da comunidade e trazem consigo suas experiências, conflitos, valores, saberes. O entorno não apenas circunda a escola, ele está presente dentro dela” (p. 8).

Cada profissional que se encontra nessas escolas, não está lá por acaso, ao contrário, os acasos da vida o levaram até lá, embora esses profissionais tenham por vezes péssimas condições de trabalho, salários insuficientes e atrasados, eles permanecem fazendo parte daquela realidade e alegam que o fazem justamente por conhecê-la e querer mudá-la, afirmam ainda que o sentimento de pertencimento dos pais, alunos e professores, torna a escola comunitária um ambiente solidário onde os interesses em comum existentes propiciam um campo fértil para o desenvolvimento satisfatório das atividades, fazendo com que o significado de comunidade de fato prevaleça.

METODOLOGIA

O estudo foi desenvolvido com base na abordagem qualitativa de pesquisa, a qual consiste em explicar e divulgar os sentidos dos acontecimentos do mundo social, nesse sentido Minayo coloca:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001 p,21)

Quanto aos sujeitos informantes da pesquisa, foram entrevistadas dez professoras que exercem a docência na educação infantil de uma escola comunitária localizada em um município que compõe a grande São Luís-. Para a coleta dos dados desta pesquisa utilizou-se:

Pesquisa bibliográfica: mediante levantamento, seleção, leitura analítica e fichamento de publicações científicas do tema. A pesquisa bibliográfica coloca frente a frente os desejos do pesquisador e os autores envolvidos em seu horizonte de interesse. (MINAYO, 2001 p. 53).

Entrevistas: Na pesquisa de campo foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas com auxílio de roteiro com perguntas abertas e fechadas e como de instrumento de gravação junto aos sujeitos entrevistados. No que se refere à escolha deste método Bogdan & Biklen ressaltam que “a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (1994, p. 134).

Quanto a técnica de tratamento dos dados obtidos, o estudo apoiou-se em alguns elementos da proposta De Bardin (2011) – análise de conteúdo - que sugere a seguinte sequência para o tratamento dos dados: Leitura Flutuante, Redução das entrevistas, processamento e codificação do material, seleção dos núcleos de sentido, escolha das categorias de respostas e revisão das categorias. Ao organizar os dados, a autora sugere que seja realizada a categorização, descrição, inferência e interpretação.

ASPECTOS CONCEITUAIS SOBRE IDENTIDADE

A palavra identidade é oriunda do termo latim *identitas* que de modo geral designa um agrupamento de características que são específicas de um indivíduo ou de um determinado grupo. Nos dicionários de língua portuguesa é possível encontrar a seguinte definição: conjunto de caracteres (nome, idade, estado, profissão, sexo, etc.) próprios de um ser, definição de alguém em particular. Esse conceito pode assumir diferentes significados dependendo do contexto em que é utilizado, na literatura, referente a esta temática é possível encontrá-la nas seguintes áreas de estudos: sociologia, antropologia, filosofia, educação, psicologia, direito, dentre outras. O termo assume também algumas variações sendo possível relacioná-lo à identidade visual, corporativa, nacional, de gênero, social, cultural, linguística, digital, profissional, etc.

A identidade de uma pessoa começa a ser formada antes mesmo de seu nascimento, a ela será atribuído um nome, nascerá em uma família, será inserida em uma cultura de um local específico, frequentará uma escola, fará parte de uma religião, se envolverá em um grupo de trabalho, enfim, ao longo da vida as relações vão sendo estabelecidas e o “eu”, vai sendo construído e reconstruído, o ser humano vai se constituindo a partir das relações desenvolvidas com os grupos com os quais convive. Para que o “eu” exista é necessário que o outro esteja presente, pois, o “eu” existe a partir da relação estabelecida com o outro (meio

externo), logo, a identidade é uma construção “temporária” inserida em determinado contexto histórico e social. Concordamos com Pimenta (1999) quando fala que “a identidade não é um dado imutável, nem externo, que possa ser adquirido, mas é um processo de construção do sujeito historicamente situado (PIMENTA, 1999, p.18)”, ou como Ciampa (1987) defende “a identidade é metamorfose” (p. 128). A esse respeito Silva (2000) Acrescenta:

A identidade não é fixa, estável, coerente e, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (SILVA, 2000, p. 96-97).

Segundo Stuart Hall “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente” (HALL, 2006, p.13), o autor acrescenta ainda que “as identidades são pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós (...), isto é, as identidades são posições que os sujeitos são obrigados a assumir” (HALL, 2000, p. 112-113). Essa “metamorfose” ocorre ao longo da vida, ou seja, as pessoas mudam de opiniões, mudam seus conceitos, mudam de profissões, se encaixam em diversos grupos, tudo isso faz parte do processo de construção da pessoa humana.

Até agora se tratou da identidade pessoal como um elemento em processo de construção e transformação desde a infância, essa mesma compreensão se encaixa na formação da identidade profissional de um sujeito, o indivíduo não tem sua profissão definida desde o seu nascimento, as circunstâncias da vida o fizeram seguir determinado caminho. Obviamente alguns indivíduos traçam a sua trajetória profissional desde muito cedo, há quem relate que os primeiros passos no universo do magistério foram dados ainda quando crianças através da reprodução do mundo dos adultos, ou ainda pessoas que optaram pela profissão por fazerem parte de um grupo familiar em que seus membros em grande número são de professores e a docência configura-se como uma tradição, quem sabe a influência daquele professor da educação básica ou do ensino superior que serviu de inspiração. O fato é que a decisão de tornar-se professor não é oriunda do “vazio”, nesse sentido Pimenta (1999) afirma:

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se, também pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor” (PIMENTA, S.G.,1999,p.19).

O professor torna-se professor não somente nos bancos das instituições de educação superior “ninguém se tornará profissional apenas porque “sabe sobre” os problemas da profissão por ter estudado algumas teorias a respeito. Não é só frequentando um curso de graduação que um indivíduo se torna profissional” (FÁVERO, 1996, p 65). Nesse processo de tornar-se professor e identificar-se com a profissão, o indivíduo deixa em muitos casos de identificar-se enquanto pessoa e passa a ser identificado pela profissão, tornando a sua profissão um elemento para a sua identificação. Antes de qualquer outra coisa é válido ressaltar que o professor não é apenas um profissional ele é uma pessoa, que possui expectativas, emoções, que é um sujeito reflexivo, que comete erros, que também acerta, que tem uma história, que viveu experiências que são próprias da sua cultura, sua prática em sala de aula não tem como ser neutra porque o professor não é, esta prática querendo ou não vai estar impregnada de seus próprios conceitos e da sua concepção de mundo, de homem e de sociedade, nesse sentido Nóvoa (1992) atenta para o fato de que o professor é uma pessoa e uma parte importante da pessoa é o professor e que é imprescindível “(re)encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida” (p.13). Nesse sentido, Cunha (1989) aborda em seu livro “O bom professor e sua prática” algumas questões que tratam desse processo de construção do indivíduo enquanto professor:

O professor já nasce inserido em seu cotidiano. A vida diária não está fora da história, mas, ao contrário, está no centro do acontecer histórico. Como todo indivíduo, o professor é simultaneamente um ser particular e um ser genérico. Isto significa dizer que quase toda a sua atividade tem caráter genérico, embora seus motivos sejam particulares. (CUNHA ,1989, p. 141)

O tornar-se professor está diretamente relacionado à história de vida, a visão que um sujeito possui da realidade, suas crenças e seus valores. A profissão docente é desvalorizada, em um país como o Brasil que é marcado pelas desigualdades sociais, uma população educada talvez não seja interessante, pois, a educação pode levar o sujeito a ter consciência da sua existência e do seu papel na sociedade, logo, um indivíduo consciente pode vir a reivindicar seus direitos e fazer o possível para que sejam respeitados, o que sem dúvidas não é de interesse das classes dominantes. Considerando a atual conjuntura política, não bastasse o professor ser alvo de desprestígio econômico e social, ainda pode ser tratado como vilão. O ser professor vai além do caráter econômico que já sabemos que não é atrativo, este

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

profissional cumpre um importante papel social. Mas se não é a remuneração, o prestígio social, as condições de trabalho e a valorização, o que levaria então um jovem estudante a seguir por esta profissão? Quando essa realidade é analisada a partir do contexto das escolas comunitárias, é possível perceber que o principal elemento motivador desses profissionais, é o desejo de mudar a realidade a partir da educação, longe de ser apenas um discurso emocionado, percebe-se que os professores que fazem parte de realidades tão carentes de políticas públicas eficazes, lá estão pelo compromisso com seus alunos e com a comunidade da qual fazem parte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

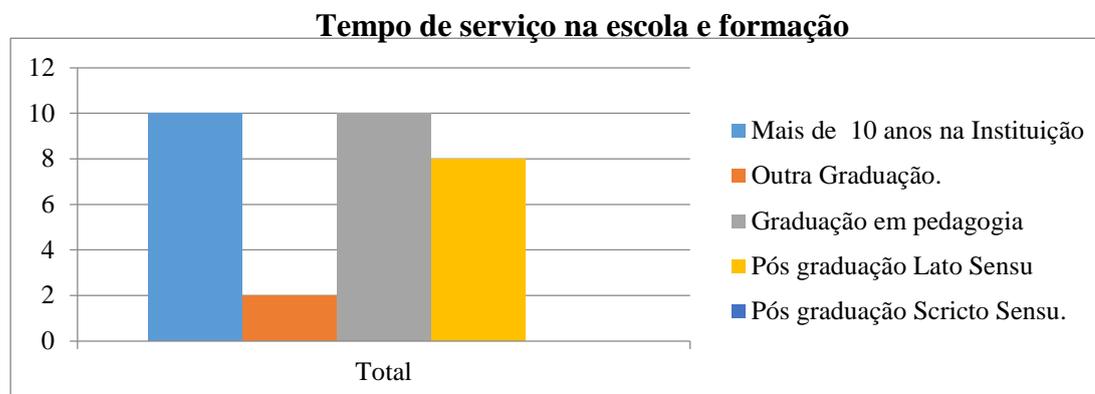
A partir da pesquisa de campo com dez professoras da Escola Comunitária P.M., analisamos as respostas obtidas em duas etapas, a primeira é referente ao perfil dos sujeitos da pesquisa (sexo, idade, formação e tempo de experiência), a segunda etapa é a análise das entrevistas semiestruturadas, utilizando a técnica análise de conteúdos proposta por Bardin (2009). Os resultados obtidos foram os seguintes:



Fonte: Instrumentos aplicados na pesquisa

A presença das mulheres principalmente na educação infantil ainda é forte, o que demonstra a herança histórica da própria docência, em uma sociedade machista, as funções são distribuídas segundo os estereótipos de cada sexo, a educação básica (principalmente a educação infantil) está fortemente associada ao cuidar, os relatos das entrevistadas apontaram que nos primeiros anos da escola pesquisada, era comum a mulher que “não trabalhava” ficar responsável pelo cuidado da criança enquanto sua família exercia funções remuneradas. A feminização é um importante aspecto da identidade docente nas escolas comunitárias na educação básica, sobretudo na educação infantil. Em 2017 o INEP, traçou o perfil do

professor brasileiro que atua na Educação básica, naquele ano 87% das docentes eram mulheres.



Fonte: Instrumentos aplicados na pesquisa

Neste gráfico é possível constatar que 100% das professoras entrevistadas exercem atividade docente na Escola P.M há mais de 10 anos, outro dado que chamou a atenção, é que embora seja uma escola com poucos recursos, 100% das professoras são graduadas em pedagogia, quando começaram a trabalhar na escola algumas possuíam o magistério, porém as parcerias estabelecidas entre as escolas comunitárias e as Universidades Federal e Estadual, possibilitaram a formação. Apenas 20% das professoras possuem uma outra graduação além da pedagogia, e 80% das entrevistadas possuem pós-graduação *Lato Sensu*, não foram identificados professores com pós-graduação *Stricto Sensu*.

A segunda parte da análise e tratamento dos dados auxiliaram no estabelecimento de categorias de análise que surgiram a partir das falas dos participantes, as professoras foram identificadas por letras e variáveis numéricas, sendo assim, foram identificadas da seguinte maneira: A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10. Feito todos os passos sugeridos por Bardin (2009), a análise foi estruturada a partir de dois eixos:

1) Aspectos individuais e contextuais do processo de construção da identidade profissional docente do professor da escola comunitária: as professoras relataram que optaram pela escolha da profissão por diversos motivos, os mais citados são: opção mais viável para quem não tinha dinheiro para fazer um curso mais elitizado, alta empregabilidade, possibilidade de iniciar as atividades ainda com o curso em andamento, influência familiar e de professores que admiravam durante a formação. Percebe-se que as professoras que enveredaram pela docência não o fizeram pelo desejo de serem professoras e de desenvolver o que de fato a profissão solicita, a docência foi apontada como uma possibilidade viável para a sobrevivência, estudos realizados por Marin (2002), apontam resultados semelhantes, esta autora considera que motivos alheios, aos que de fato representam a docência, imprimem uma

ruptura entre o significado social do trabalho docente que é a mediação do conhecimento historicamente construído e os sentidos particulares para a escolha da docência, significando “a submissão ou subordinação às condições objetivas em que viviam” (p. 51).

Indagou-se ainda sobre a profissão que seguiriam se não tivessem optado pela docência, as respostas foram as seguintes: não se enxergam em outra profissão e embora a desvalorização desta seja um fato, estão satisfeitas com a carreira que escolheram, enfermagem e medicina foram outras áreas citadas. Perguntou-se sobre o que as professoras faziam antes de exercerem a docência e as atividades mais citadas foram: comércio e serviços domésticos. Nestas respostas é possível perceber que embora a docência não tenha sido uma primeira opção, foi uma possibilidade mais “confortável” que as condições anteriormente encontradas, o que é reforçado pela ideia de que embora seja uma profissão desvalorizada estão satisfeitas com as condições atuais, ou seja, embora tenham adentrado na profissão sem conhecer o seu significado real, identificaram-se profissionalmente com o que encontraram e principalmente com o público atendido por fazerem parte da mesma realidade social, por esta razão não se percebem em outra profissão que não seja professor. Sobre essa identificação Garcia (2009) pondera:

A identidade profissional é a forma como os professores se definem a si mesmos e aos outros. É uma construção do seu eu profissional, que evolui ao longo da sua carreira docente e que pode ser influenciada pela escola, pelas reformas e contextos políticos, que “integra o compromisso pessoal, a disponibilidade para aprender a ensinar, as crenças, os valores, o conhecimento sobre as matérias que ensinam e como as ensinam, as experiências passadas, assim como a própria vulnerabilidade profissional” (GARCIA, 2009, p. 11).

Quando questionadas sobre o que entendem por ser professor, obtivemos as seguintes respostas: ser professor é contribuir com o desenvolvimento intelectual de qualquer ser humano, ser professor é ter compromisso com a profissão e não apenas com os conteúdos. Esse consenso entre as professoras revela que elas compactuam do entendimento que ser professor vai muito além do ato de repassar conhecimentos historicamente construídos embora essa função seja um elemento legitimador e a justificativa da profissão (GARCIA, 2009) compreende-se que o compromisso que aparece na fala das professoras adentra as esferas ética, profissional e social.

2) Compreensões sobre o universo da escola comunitária: quando questionadas sobre o que é a escola comunitária, elas responderam que trata-se de um grupo de pessoas reunidas em prol do bem da comunidade, outro aspecto indagado, foi como elas chegaram até aquela escola, as respostas foram similares: através de amigos e parentes que já eram sócios daquela instituição de ensino, a princípio o trabalho era voluntário e ocorria uma espécie de

troca, enquanto doavam seus serviços tinham o direito de manter as crianças pequenas da família matriculadas naquele espaço de ensino.

As escolas comunitárias surgem exatamente pela ausência do poder público, essa necessidade faz com que as pessoas se reúnam e atuem em torno de um mesmo objetivo, nesse sentido, Gadotti explica:

As escolas comunitárias são instituições escolares organizadas, muitas vezes, em localidades com menor acesso aos serviços públicos, a partir do esforço das comunidades, com forte discurso antiescolar, sob a influência de um certo tipo de cooperativismo (cooperativas de pais, professores e alunos) ou de comunitarismo (gestão local, participação comunitária, controle dos usuários) (GADOTTI, 2012, p. 14).

Questionou-se sobre as motivações para a permanência na escola comunitária, foram citadas questões como a falta de vínculo, a desvalorização do professor, no entanto, a necessidade de levar a educação a crianças carentes e o fato de todas pertencerem ao mesmo contexto e compreenderem as lacunas que poderiam ser preenchidas pela educação foi o ponto em comum entre todas as respostas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo considerou a realidade de um grupo formado por dez professoras que atuam em uma escola comunitária de um município da grande São Luís-MA, objetivou compreender os elementos constituintes do processo de construção da identidade profissional dos professores que atuam em escolas comunitárias, foi considerada a identidade pessoal e a sua relação com o contexto no qual se constrói a identidade profissional docente. Os dados obtidos foram estruturados a partir de dois eixos, são eles:

1) Aspectos individuais e contextuais do processo de construção da identidade profissional docente do professor da escola comunitária: Esses aspectos são importantes para este estudo pois possibilitou identificar o desenvolvimento do processo de construção da identidade profissional docente, as motivações que as levaram ao exercício da docência e as fazem permanecer no contexto das escolas comunitárias.

2) Compreensões sobre o universo da escola comunitária: através dos depoimentos das professoras, foi possível analisar o que elas entendem por escola comunitária, bem como a relação delas com a instituição. Tentamos ainda resgatar como as professoras se percebem enquanto profissionais desse contexto tão peculiar.

O estudo concluiu que a identidade é um elemento de caracterização do sujeito sendo constituídos por crenças, valores, aspectos sociais, políticos, culturais, ou seja, elementos que

fazem do sujeito um ser “único” construído dentro da coletividade. Compreende-se que a identidade é formada dialeticamente, isto é, a partir das relações desenvolvidas entre indivíduo e sociedade e que esta construção não é permanente e ocorre de modo inconsciente num processo que requer auto identificação e identificação reconhecida por outros.

Constatou-se ainda que o corpo docente da educação infantil da escola pesquisada, assim como a realidade da maioria das escolas brasileiras como estudos revelam, é formado por mulheres da comunidade que foram alunas ou mãe de alunos e retornaram no intuito de “devolver” em forma de trabalho o apoio que receberam. São professoras que buscam através de recursos próprios qualificarem-se, pois entendem que através da formação contínua aperfeiçoam o seu trabalho. Constatou-se que embora a docência venha passando por um crescente processo de desvalorização e não tenha sido a primeira opção das professoras e sim uma “escolha circunstancial”, elas demonstram apreço pela profissão e valorização pessoal das suas escolhas, o que desencadeia a satisfação com a docência e o desejo de permanecer exercendo-a.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Ada. **L’enseignant est persone**. Paris: ESF (1984).

ANDRÉ, Marly Eliza Dalmazo Afonso de. Dez anos de pesquisas sobre formação de professores. In: BARBOSA, Raquel Lazzari (org.). **Formação de educadores: artes e técnicas, ciências e políticas**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, cap. 41, p. 605-616, 2006.

_____, Marly Eliza Dalmazo Afonso de. Pesquisa em educação: **buscando rigor e qualidade**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 113, p. 51-64, jul., 2001.

_____, Marly Eliza Dalmazo Afonso de. **Formação de professores: a constituição de um campo de estudos**. Educação, Porto Alegre, v.33, n.3, p. 174-181, set./dez. 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BOGDAN, Robert.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto – Portugal. Porto Editora, 1994.

CARVALHO, Maria Regina Viveiro de. **Perfil do professor da educação básica**. Série Documental - Relatos de Pesquisa , v. 41, p. 1-67, 2018.

CIAMPA, A. C. (1987). **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Editora Brasiliense.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. 23ª ed. São Paulo: Papyrus, 1989.

FÁVERO, Maria de Lourdes Albuquerque. Universidade e estágio curricular: subsídios para discussão. In: ALVES, Nilda. (Org.). **Formação de professores: pensar e fazer**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1996. p. 53-88

GADOTTI, Moacir. **Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum.** Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico, Brasília, v.18, n.1, dez, 2012, p. 10-32.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro.** Sísifo. Rev. de Ciências da Educação, n. 8, p. 7-22, 2009. Disponível em: . Acesso em : 20 Jun. 2018.

GRANÚZZIO, Patrícia. Magri.; CERIBELLI, Renata de Fátima. Resenha crítica sobre o estado da arte da formação de professores. *Metáfora Educacional*, (9), 102-114, 2010. HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103 – 133.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103 – 133.

_____, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade;** tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KLEIN, Ana Maria; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira. **A escola frente às novas demandas sociais: educação comunitária e formação para a cidadania.** Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade.2008;1.

MARIN. Alda Junqueira. **Formação de professores: novas identidades, consciência e subjetividade.** In: CHAVES, Sandramara Matias. TIBALI. Elianda F. Arantes.(Orgs.). *Concepções e práticas em formação de professores: diferentes olhares.* Rio de Janeiro: D&PA,2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001

NÓVOA, Antônio. A Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e a sua formação.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992. p. 13-33.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org). **Saberes pedagógicos e atividade docente.** São Paulo: Cortez Editora, 1999. (p. 15 a 34)

ROMANOWSKI, Joana Paulin.; ENS, Romilda Teodora. **As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação.** Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v.6, n.19, p. 37-50, set./dez. 2006.

ROMANOWSKI, Joana. Paulin. **Apontamentos em pesquisas sobre formação de professores: contribuições para o debate.** Revista Diálogo Educacional, 12(37), 905-924, 2012.

_____. **Tendências da pesquisa em formação de professores.** Atos de pesquisa, Blumenau, v.8, n.2, p. 479-499, mai./ago. 2013. Disponível em: . Acesso em: 25 jun. 201

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102.